

## A formação discursiva e a construção do *ethos* no discurso de vitória de Kamala Harris

### The discursive formation and the ethos construction in Kamala Harris' victory speech

MEDEIROS, RIVANDA  
up201902124@edu.lettras.  
up.pt

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2800-114X>

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Discurso político;  
Análise do discurso;  
*Ethos*;  
Auto-imagem.

**RESUMO:** O objetivo principal deste artigo é fazer uma análise qualitativa de um discurso político: o discurso proferido em ocasião da celebração de vitória da candidata eleita à vice-presidência dos Estados Unidos da América, nas eleições de 2020, Kamala Harris. Identificar-se-á a formação discursiva do seu enunciado, bem como as estratégias discursivas que a enunciadora utilizou para a criação da construção da sua imagem de credibilidade, o seu *ethos*, como também, os meios pelos quais ela tenta preservar essa imagem criada. O *corpus* de análise selecionado foi obtido a partir de um vídeo oficial do primeiro pronunciamento de Harris após o resultado das eleições, no canal americano de televisão NBCNews, gravado no dia 08 de novembro de 2020. A Análise do Discurso, através de técnicas pautadas nos postulados de Charaudeau (2006a, 2006b, 2011) e de Maingueneau (2005), foi o aporte teórico-metodológico para a análise empreendida.

**KEY-WORDS:**  
Political Discourse;  
Discourse analysis;  
*Ethos*;  
Self-image.

**ABSTRACT:** This article aims at making a qualitative analysis of a political discourse: the victory speech of the candidate elected to the vice-presidency of the United States of America, in the 2020 elections, Kamala Harris. The discursive formation of her statement will be identified, as well as the discursive strategies that the speaker used to create her *ethos*, the construction of her image of credibility, as well as the means by which she tries to preserve this created image. The selected analysis *corpus* was obtained from an official video of Harris' first statement after the election results, on the American television channel NBCNews, recorded on November 8, 2020. Discourse Analysis through techniques based on the postulates de Charaudeau (2006a, 2006b, 2011) and Maingueneau (2005) were the theoretical and methodological contribution to the undertaken study.

## 1. INTRODUÇÃO

O tratamento dado à enunciação sempre foi relevante para a perspectiva do discurso; mas sabe-se que os locais diferentes de enunciação provocam efeitos diferentes de acordo com sua tradição. Nesse contexto, é seguro afirmar que o discurso político tem espaços clássicos de enunciação.

Todavia, sabe-se que a linguagem não é neutra e que, geralmente, as construções linguísticas pensadas e executadas por um enunciador trazem consigo intenções, explícitas ou não, que nada mais são do que concepções do mundo e sua visão da realidade - a partir de uma determinada ideologia. No campo da política, esta dinâmica é simples de ser observada. Nesse viés, os princípios da Pragmática e os desdobramentos e avanços das teorias sobre o texto considerado como discurso têm se tornado centrais.

Neste artigo, analisaremos um discurso político, proferido por Kamala Harris, candidata eleita à vice-presidência dos Estados Unidos da América, durante a cerimônia de celebração de vitória, nas eleições de 2020. Essas foram uma das mais polêmicas eleições presidenciais da história norte-americana e que entraram para a história por consagrar os E.U.A. como campeões na defesa da democracia, visto que uma considerável maioria da população, no exercício das funções do seu dever cívico, elegeu Kamala Harris à vice-presidência do país; assim, ela se tornou a primeira mulher – mestiça e asiática – eleita para a mais alta posição política dos Estados Unidos.

O objetivo deste estudo é, portanto, identificar a formação discursiva do seu enunciado, bem como as estratégias discursivas que a locutora utiliza para a criação do seu *ethos*. Analisar-se-á o que a legitima como oradora; como ela constrói, na sua mensagem, uma imagem de credibilidade, observando os meios pelos quais ela tenta preservar essa imagem criada. Para isso, aplicaremos a teoria dos atos de fala, a fim de perceber quais são os atos dominantes, verificando os recursos expressivos e os aforismos utilizados.

Assim, este artigo organiza-se da seguinte forma: inicialmente, será feito um breve enquadramento teórico, amparado na Teoria Semiolinguística e em contribuições sobre a noção de enunciação e de *ethos* discursivo; na sequência, analisar-se-á o *corpus* selecionado, mais especificamente, alguns recortes do discurso inspirador de vitória de Kamala Harris<sup>1</sup>, seguido das considerações finais sobre a análise retórico-discursiva realizada.

1. O discurso, traduzido para o português está em anexo. Também encontra-se disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/mundo-cat/kamala-harris-faz-discurso-historico-leia-a-integra/>. Acesso em 20/12/2021.

Acreditamos que, com a análise que nos propomos fazer, seja possível compreender o funcionamento da linguagem no discurso político e, mais precisamente, admitir que toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada pelo que é dito e não dito.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1. ENUNCIÇÃO E *ETHOS*

O termo *enunciação*, um conceito central em Filosofia, tem se tornado recorrente na referência aos estudos linguístico-enunciativos, de tal forma que atualmente, é tema central nas discussões sobre a relação entre o sujeito, a linguagem e o mundo.

Nesse contexto, as contribuições de Benveniste (1966) foram decisivas para o desenvolvimento dos estudos enunciativos e da intersubjetividade na linguagem. Com a sua Teoria da Enunciação, ele direcionou os estudos enunciativos.

Façamos agora uma retomada da teoria da enunciação e da análise do discurso, com o fim de situar os precursores e destacar os teóricos mais recentes que possibilitaram a passagem dos enfoques estruturalistas do código para os estudos dos usos linguísticos sob o prisma discursivo.

Em seus estudos de linguística geral, a questão mais importante que Benveniste formula, diz respeito à possibilidade de se passar da língua para a fala. Como se passaria de uma instância para a outra? Como pode esse conhecimento tão intuitivo na mente do falante transformar-se

em ato de fala? Cada uma dessas instâncias tem diferentes estatutos de realidade: o exercício da linguagem não é simplesmente uma virtualidade, como é a língua. O que permite a passagem do virtual ao realizado é a enunciação, ou seja, quando se coloca a língua em funcionamento através de um ato individual de utilização; em suma, enunciação é a instância de mediação entre a língua e o discurso (Benveniste, 1974).

Assim, Benveniste com a sua teoria da enunciação, mostrou que não se passa da língua para a fala, a não ser que se tenha uma instância que permita isso. Essa instância é a enunciação, que, por sua vez, é o ato de pôr em funcionamento a língua. Mas como se põe a língua em atividade? Por uma instância de mediação entre a língua e a fala. E o que continha essa instância de mediação? As categorias de pessoa, de espaço e de tempo. O linguista francês criava ali, um objeto para a linguística: o discurso. Até então, a maior unidade de que se ocupava a linguística era o período. O discurso é a produção social da linguagem. Portanto, quando dá um estatuto científico ao uso da língua, Benveniste volta a inseri-la na vida social, na cultura e na história. Ele explica as operações que se realizam no ato da enunciação como um processo, em relação à língua. A primeira é a *mobilização* da língua, porque antes da enunciação, a língua era apenas uma possibilidade. Foi com o ato de “dizer”, que ela passou a ser “processada” em uma instância de discurso. A segunda é a *apropriação*, em que “o ato individual pelo qual se utiliza a língua, introduz primeiramente o locutor como parâmetro necessário nas condições de enunciação” (1974, p. 81-82).

Greimas, estudioso da significação do discurso manifestado em textos, buscava respostas acerca das abstrações que são feitas em busca da compreensão de um texto. Ele se dizia herdeiro do conceito de enunciação de Benveniste e, por isso, modificou-o, para aplicá-lo ao seu conceito de discurso; enunciação seria então para ele, “a instância de mediação entre os elementos mais abstratos e universais e aqueles mais concretos e singulares, que são próprios de cada um dos discursos. Neste contexto, o discurso seria o lugar da singularização de universais culturais. Tecnicamente falando, a semiótica francesa buscava descrever a produção e a com-

preensão dos discursos, para explicar as abstrações que se fazem no ato da leitura; ela concebia a geração do sentido como um percurso, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Para ela, a significação não se reduzia somente à dimensão consciente; Isto é, ao mesmo tempo em que o sujeito da enunciação edificava um universo de significados no discurso, estabelecia uma imagem de si mesmo, com que operava na situação de comunicação” (Greimas & Courtés, 1979, p. 125-127). Nesse contexto, estavam a ser desenvolvidos estudos que envolviam a idéia de enunciador como narrador, como também de enunciatário.

Foi através de Erving Goffman (1973), que a imagem de si nas interações passa a receber mais atenção, porque ele mostrou que a interação social definida como a influência recíproca que os parceiros exercem sobre suas ações respectivas quando estão em presença física uns dos outros, acaba por exigir que os atores forneçam, por seu comportamento, uma certa impressão de si mesmos, o que irá contribuir para influenciar os seus parceiros do modo desejado.

Esta construção de uma imagem que o orador projeta de si, com o intuito de influenciar um determinado público, é chamada de *ethos* (originária do grego “personagem”), e a sua primeira elaboração conceitual foi esboçada por Aristóteles, na Grécia antiga, em seus estudos sobre retórica.

Existe no pensamento de Aristóteles (2005) a criação de dois conceitos anteriores ao *ethos*, mas que são essenciais para compreendê-lo. Um desses conceitos é a própria *Retórica*, ligada a arte da comunicação; e a outra, a *Poética*, que diz respeito aos discursos poéticos e literários (Alexandre Jr., 2005). A retórica consiste no discurso prático, que tem como objetivo, a persuasão e o estudo do *ethos* na perspectiva aristotélica faz parte de uma trilogia de provas técnicas que compõem a arte retórica através do discurso. Nesta perspectiva, são três os meios pelos quais se estabelece a arte da persuasão (e nenhum deles pode ser privilegiado em detrimento dos outros, porque todos são fundamentais): o *logos*, refere-se à uma instância intelectual, a razão - a argumentação objetiva; o *pathos*, à emoção - o poder do convencimento, da persuasão;

e o *ethos*, é entendido como a imagem de si, construída no discurso, com ênfase em aspetos éticos e morais, presentes no seu ato de fala.

Além disso, o orador, ao enunciar algo, deve primar por três qualidades fundamentais na construção do *ethos*: a prudência (*phronesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eúnoia*). São elas que ativam a confiança no orador por parte do auditório, dando credibilidade a quem enuncia. Isso poderá também causar uma aproximação com o auditório, criando a impressão de que o enunciador é um dos membros daqueles que o ouvem (Moura, 2012).

Como pôde-se observar, a noção de *ethos* passa por várias abordagens, dentre elas, a linguística da enunciação, que inscreve o locutor no discurso; visão esta defendida inicialmente por Benveniste (1974) e em seguida, por Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980), que examinou os “procedimentos linguísticos” (modalizadores, termos avaliativos, etc.) pelos quais o locutor estampa sua marca no enunciado, inscrevendo-se na mensagem. Para esta autora, argumenta Furlan (2013), o *ethos* era um conjunto de hábitos locucionais partilhados por membros de uma comunidade, e que compunha um quadro invisível e imperceptível.

Faz-se relevante afirmar, no entanto, que nem Benveniste, nem Goffman ou Kerbrat-Orecchioni fizeram menção explícita ao termo *ethos* em suas pesquisas. Tal termo somente vem a ser integrado às ciências da linguagem (na pragmática semântica) através da teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1980), para quem, a enunciação seria a aparição de um enunciado e não o ato de alguém o produzir. Neste contexto, percebe-se que ele evita relacioná-lo a um sujeito falante, pois acredita que é o próprio enunciado que fornece informações sobre o(s) autor(es) eventual(ais) da enunciação, como veremos a seguir.

A contribuição de Ducrot (1980) à noção de *ethos* diz respeito à uma diferenciação entre o locutor enquanto instância enunciativa e o locutor enquanto sujeito real, existente no mundo extradiscursivo. Tendo em vista essa distinção, ele entendia que o *ethos*, assim como o locutor apreendido como enunciador, mostrava-se na enunciação, sem ser necessariamente dito no

corpo do enunciado. Ou seja, essa imagem do enunciador é percebida no discurso, sem ser o objeto deste discurso, significando que o *ethos* não se identifica com os atributos reais do locutor, mesmo estando associado a ele. Esta noção de *ethos* está, na pragmática-semântica, diretamente ligada à concepção de enunciação, por enfatizar a fala como ação a influenciar o parceiro/ouvinte; ou seja, vincula-se ao procedimento enunciativo.

Nesse período, Ducrot (1980) partia da pragmática para construir a teoria de que estava na enunciação, a idéia de que é preciso distinguir o autor das palavras, o locutor, e os agentes dos atos ilocutórios, os enunciadores. Observe, portanto, como a sua leitura da pragmática já estava sendo conduzida na direção de uma outra proposta: se exprimir-se é ser responsável por um ato de fala, explica ele, então, ao se interpretar um enunciado, ouve-se uma pluralidade de vozes, que não são necessariamente as do locutor. Este é o princípio que foi desenvolvido sem a pragmática - o conceito de Polifonia.

A criação da Teoria Polifônica da Enunciação está, portanto, vinculada a dois fatos: o primeiro diz respeito à crítica que Ducrot (1987) faz à concepção lingüística da unicidade do sujeito falante, segundo a qual só haveria um falante no enunciado. O segundo refere-se à afirmação de que o sentido de um enunciado é a descrição de sua enunciação e onde encontra-se a pluralidade de vozes que o locutor apresenta.

Embora Ducrot não tenha elaborado mais acerca da sua reflexão sobre o *ethos*, Maingueneau o fez mais tarde, no âmbito da Análise do Discurso:

(...) O *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à sua fala; é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro (2008, p. 17).

A partir desse conceito, depreende-se que a subjetividade manifesta no discurso é concebida como uma voz, que não pode ser dissociada do corpo que enuncia. A noção de *tom* é, então, apresentada como uma voz específica do texto oral e escrito. Para o referido autor, na

noção de *tom*, essa incorporação é conceituada como a mescla que ocorre entre uma formação discursiva e seu *ethos* durante uma enunciação. Além disso, continua Maingueneau (2008), a incorporação evoca a imbricação do discurso e seu modo de enunciação (conceito que trata de uma maneira de dizer específica a um discurso). A voz é um dos planos constitutivos da discursividade e o modo de enunciação obedece às mesmas restrições semânticas do conteúdo do discurso; aliás, frequentemente ele se torna tema do discurso. Em resumo, o autor propõe:

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As “ideias” suscitam a adesão por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. Apanhado num *ethos* envolvente e invisível, o co-enunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de ele constringer o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados (p. 29).

Assim sendo, entendemos que o co-enunciador não apenas decodifica enunciados, mas adere a uma identidade, pois ao incorporá-la, o enunciador não projeta para ele um estereótipo qualquer. Ao contrário, ele joga com os estereótipos para que seja definido um *ethos* singular. Este só pode ser de fato apreendido com a leitura do texto, com uma entrada progressiva no universo por ele configurado.

Neste sentido, Ruth Amossy, professora da Universidade Tel-Aviv, contribui com as reflexões, pois acredita que *ethos*, é o produto de uma construção discursiva e que o locutor pode fazer uma representação da sua pessoa (uma apresentação de si) através do seu estilo, suas crenças implícitas, e das suas competências lingüísticas e enciclopédicas. Assim como Ducrot (1987), esta autora também acredita que não se trata de focar o olhar na pessoa real do orador, mas no efeito que todas as suas virtudes irão provocar no auditório: confiança e credibilidade. A fala deve ser adequada ao papel social que desempenha no momento da enunciação: é *no*, *pelo* e *para* o discurso que um orador efetua uma imagem de si (2005).

A autora faz uma intersecção entre o pensamento presente na análise de discurso, com a teoria dos campos, presente no pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu e os estudos da chamada “Nova Retórica”, por meio do pensamento de Chaim Perelman, filósofo polonês do direito (Silva Jr, 2019). Ao utilizar a concepção de Perelman, ela constrói a ideia de que o auditório a quem se destina a mensagem é tão importante para a produção do discurso, quanto a mensagem em si, pois, a argumentação se mostra efetiva, somente se quem a escutar, puder reconhecê-la como válida.

Sobre isso, Maingueneau (2006) acrescenta que “a persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo *ethos* que ele; se não acontecer um processo de validação/identificação. A persuasão consistirá, portanto, em fazer passar pelo discurso, um *ethos* característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está” (p. 15).

Seguindo esta linha de construção e associação das imagens discursivas às circunstâncias sociais e históricas, Maingueneau (2005, 2011) e Charaudeau (2006, 2011) argumentam que a construção da imagem de qualquer sujeito passa, necessariamente, por dois caminhos, ou seja, requer a observância dos dados preexistentes ao discurso – informações que, a princípio, o auditório já possui antes que seja proferido o ato de linguagem – e também dos dados trazidos pela própria enunciação. Sob esta lógica, os autores distinguem dois tipos de imagens: o *ethos discursivo*<sup>2</sup> (ou *ethos* presente) e o *ethos* prévio. O primeiro diz respeito à imagem que o enunciador constrói de si numa interação, *na e pela* linguagem; emerge no instante da enunciação, atualizado no discurso pelo locutor em tempo real, enquanto ele se dirige ao seu auditório, seja face a face ou virtualmente. Está inscrito no próprio ato de enunciação. Já o segundo tipo, é a imagem que o enunciador tem no seu ambiente social, ou seja, as impressões e valores sociais que o auditório já tem acerca do orador antes da enunciação em questão.

2. Galinari, em sua tese de doutorado, sugere o uso da expressão “*ethos* presente” em substituição a “*ethos* discursivo”. Na sua concepção, o termo presente “simbolizaria certa fidelidade às formulações de Aristóteles, à medida em que vincula o *ethos* a um resultado da enunciação, no presente de sua ocorrência”. (Galinari, 2007b, p. 76).

Segundo Moura (2012), “o cruzamento entre as informações distribuídas pelos *ethos* prévio e discursivo fica submetido a dois elementos fundamentais: a capacidade do enunciador de lançar mão estrategicamente de sua reputação, seja para endossá-la, refutá-la ou modificá-la; e a aptidão do co-enunciador para usar o conhecimento prévio acerca do enunciador na interpretação do discurso que lhe é transmitido. Essa rede de interações é o que determina o caráter persuasivo da argumentação” (p. 60).

Em suma, é irrefutável a importância que essas duas imagens, quando bem articuladas nessa rede de interações, terão para o sucesso de um discurso persuasivo, considerando que o *ethos* prévio (confiança/legitimidade) proporciona credibilidade ao orador durante a enunciação (*ethos* discursivo).

Moura (2012) acredita que todas estas posturas não surgiram por acaso; do contrário, elas refletem uma polêmica antiga, onde havia uma vertente filosófica que considerava o *ethos* como um dado preexistente ao discurso e outra, encabeçada por Aristóteles (1998), que o inscrevia no próprio ato de enunciação. Importante mencionar que esta última vertente, partindo do princípio de que é a aparência do ato de linguagem que lhe confere um caráter verossímil, confere muitos adeptos da Análise do Discurso.

De salientar que, no bojo do ressurgimento do *ethos*, Charaudeau (2006) o reconhece e classifica em duas grandes categorias: *ethos* de credibilidade e *ethos* de identificação. O primeiro diz respeito a um discurso da razão e é resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de forma tal que o auditório seja conduzido a julgá-lo digno de crédito. O *ethos* de identificação, por sua vez, é o resultado de uma junção de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais, ambos relacionados às expectativas vagas do auditório por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser.

Para fins de organização na análise neste trabalho, adotaremos a visão de Charaudeau (2006), segundo a qual o *ethos* relaciona-se ao “cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.” Em outras palavras, a construção da imagem de qualquer sujeito passa, necessariamente, por esses dois caminhos, ou seja, requer a observância dos dados preexistentes ao discurso – informações que, a princípio, o auditório já possui antes que seja proferido o ato de linguagem – e também dos dados trazidos pela própria enunciação (p. 115).

## 2.2. A FORMAÇÃO DISCURSIVA

O Filósofo francês Foucault (1997) define a formação discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social e econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições do exercício da função enunciativa” (p. 35). Pinto (2005) a define como “um conceito sofisticado e fundamental para que possamos entender o discurso que pretendemos analisar” (p. 93). Em outras palavras, a formação discursiva envolve as condições a partir das quais se expressam os temas, objetos, hipóteses etc., em um dado espaço discursivo. Ela expressa-se *em e nos* discursos; não é, pois, um discurso mais amplo ou um pano de fundo.

Portanto, segundo a referida autora, nós, homens e mulheres do início do século XXI, ainda vivemos e possivelmente viveremos por mais algum tempo sob um conceito de humanidade, um conceito calcado no Iluminismo – que surge no século XVIII e somente neste século, teve uma força muito grande de constituir os seres humanos como seres iguais por natureza. Desta forma, deslocou para o terreno do ilegítimo, um conjunto de discursos que colocava as mulheres, os negros, os índios e os orientais em condição inferior por natureza. Esse foi um processo fundamental e de extrema relevância para a história da humanidade. E até hoje tem sido, impedindo a legitimidade de muitas discriminações. Este é um exemplo de uma grande formação discursiva e foi com base nesta formação discursiva que a humanidade se construiu para opor-se ao nazismo, ao stalinismo, ao fascismo e a discursos racistas (p. 95).

O estudo que aqui se apresenta trata, pois, da análise de um discurso político, através de um mapeamento linguístico-discursivo do texto e do gênero em que ele se insere, usando como referência o quadro de análise dos gêneros textuais propostos por Adam (2001); a nossa análise ainda terá um aporte teórico da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, com base, principalmente, nos postulados de Charaudeau e Maingueneau. De acordo com essa linha, o sujeito, ao produzir o seu discurso, assume uma posição histórica e social, evidenciando, assim, a sua formação ideológica. O sujeito, então, seleciona o que pode e deve ser dito, estabelecendo determinados valores e formas linguísticas que denominamos de formação discursiva. E é esse o tipo de observação que nos propomos a realizar a seguir.

### **2.3. ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS**

Sabe-se que a atividade política, envolve, por vezes, uma certa tensão entre o controle do poder e a oposição por quem não o exerce, e isso determina estratégias discursivas distintas. Distintas também são as condições de legitimidade dos sujeitos e, por isso, deverão adotar estratégias discursivas adequadas às circunstâncias. Charaudeau (2006b) aponta diversos tipos de estratégias discursivas que podem ser postas em cena no campo político: a da promessa, a de decisão, a de justificação e a de dissimulação. Na nossa análise, a ter em consideração as circunstâncias do enunciado, faremos alusão às estratégias da promessa e da decisão.

Na estratégia da promessa, o político deve, simultaneamente, ser capaz de a) contemplar um ideal social de desejo/necessidade do ouvinte, mas também adequar-se às possibilidades reais de sua execução; b) obter reconhecimento, da parte dos cidadãos, como merecedor de crédito, como portador de limpas intenções e c) conseguir convencer (uso da razão) e persuadir (uso da emoção) a maioria da instância cidadã.

A estratégia de decisão, a seu turno, está legitimada no campo da ação e deve ser possível ao político, executá-la. É geralmente colocada em prática diante de uma situação de desordem social, onde o dever da sua correção revela-se como a solução a ser adotada.

### 3. METODOLOGIA

A presente análise refere-se ao discurso proferido pela candidata eleita à vice-presidência dos Estados Unidos da América (EUA), Kamala Harris, na festa da vitória das eleições de 2020. A comemoração ocorreu no sábado, dia 8 de novembro de 2020, em Wilmington, no estado de Delaware, após a confirmação de que havia votos suficientes para garantirem a vitória da chapa Joe Biden/Kamala Harris, contra o partido Republicano. O evento foi transmitido ao vivo por várias redes de televisão americanas e do mundo inteiro, e pode ser acessado em (discurso completo - em inglês): <https://www.nbcnews.com/video/watch-kamala-harris-full-victory-speech-as-vice-president-elect-95525445787>.

A transcrição do discurso pode ser obtida (também na sua língua original) em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2020/11/07/kamala-harris-victory-speech-transcript>. Os links foram acessados de dezembro/2020 a janeiro/2021 e os critérios para análise foram orientados pela classificação das estratégias discursivas políticas envolvidas na construção da credibilidade em contexto (Charaudeau, 2011, 2016).

O estudo assume caráter qualitativo, prevalecendo a interpretação como forma de análise dos dados. Dessa forma, não foram usadas ocorrências repetidas da mesma estratégia, observando somente se tal ou qual estratégia esteve presente na fala da locutora e se ela empregou mais de uma delas. Para além das estratégias discursivas utilizadas, tentaremos fazer um mapeamento linguístico-discursivo do texto e do gênero em que o mesmo se insere, usando como referência o quadro de análise dos gêneros textuais proposto por Adam (2001), que prevê a caracterização do gênero em oito componentes: a componente semântica; a componente enunciativa; a componente pragmática; a componente composicional; a componente estilístico-fraseológica; a componente metatextual, a componente peritextual e a componente material. É importante mencionar que, devido ao escopo deste trabalho, não abordaremos as componentes peritextual, material e semântica.

De forma a categorizar o texto do discurso em análise no que se refere à tipologia e o gênero a que pertence, utilizaremos a tipologia textual de Petitjean (1989); ele argumenta que a classificação dos tipos de discurso pode ser baseada no critério socioprofissional e assim o sendo, é intuitiva, o que permite agrupar e distinguir os textos produzidos no âmbito de diferentes áreas de atividade socioprofissional.

Daí apreende-se que, geralmente, os textos que são produzidos no âmbito da área da política, são *discursos políticos*. Como a autora do texto em questão, **Kamala Devis Harris**, estava, na ocasião do discurso, investida do papel socioprofissional de candidata política *eleita* (vice-presidente na 59.<sup>a</sup> eleição presidencial dos Estados Unidos da América, pelo partido democrata), ele é, portanto, um discurso político do gênero discursivo/argumentativo e tem como subgênero, o discurso de vitória, como designado por Charaudeau (2016).

#### 4. ANÁLISE DO CORPO DISCURSIVO

O objetivo deste trabalho é o de analisar, no discurso de vitória de Kamala Harris, as estratégias discursivas que ela utilizou para a construção do seu *ethos*. Nesse sentido, iremos analisar:

- 4.1. a posição de autoridade face aos seus alocutários, ou seja, a sua legitimidade;
- 4.2. a credibilidade, o *ethos*; e
- 4.3. as estratégias de captação.

#### 4.1. A LEGITIMIDADE

Kamala Harris tem, de partida, uma identidade social e política que lhe legitima para falar e estar naquele lugar específico, a proferir aquele discurso. E esta autoridade deve-se a ela ser a primeira *mulher negra* vice-presidente dos Estados Unidos; à sua trajetória política, ao seu pioneirismo, ao seu sucesso e talento, à sua personalidade, à sua força e determinação enquanto política, advogada e mãe. Estes são os fatores que, de partida, legitimam este discurso de Harris.

É de vital importância que compreendamos o contexto histórico que levou ao momento deste discurso; ela construiu, cuidadosamente a sua carreira política em direção a Washington, onde, a partir de 2021, passou a ser a mulher mais observada do planeta – “é vice do mais velho presidente já empossado nos Estados Unidos e desponta como a sua sucessora” (Morain, 2021).

A vida de Kamala Harris é pouco convencional, mas marcada por muitas conquistas e pioneirismos. Filha de imigrantes indianos, sua mãe foi criada em uma casa onde o ativismo político e liderança cívica vinham naturalmente. Desenvolveu, com os anos, uma forte consciência política: tinha consciência da história, das lutas e das desigualdades. O pai de Harris também era ativista político. Era de se esperar que ela nascesse com um senso de justiça impresso na alma. Iniciou a sua carreira profissional na Califórnia e cresceu na política dura e áspera de São Francisco. Entre muitas perdas e vitórias, ela cresceu depressa: após a faculdade de direito, iniciou carreira na promotoria do condado de Alameda e logo se tornou promotora em São Francisco – a primeira promotora distrital negra da história do estado da Califórnia. Poucos anos depois, alcançou mais um feito inédito: tornou-se a primeira mulher a ser eleita Procuradora-Geral da Califórnia e apenas cinco anos depois, foi eleita para o Senado norte americano, o que fez dela, a primeira mulher com ascendência asiática - e segunda negra - a ser senadora, nos 240 anos da história da democracia americana (Morain, 2021).

Kamala ficou conhecida por dar voz àqueles que não tinham voz, ser inteligente ao lidar com o crime, ser estrategista e inovadora em suas ações; e não cometer erros ao longo do

caminho. O seu comprometimento e paixão pela justiça são refletidos na sua luta de uma vida inteira: trabalhou pela reforma do sistema de justiça criminal do país, por aumento do salário-mínimo, para tornar o ensino superior gratuito para a maioria dos americanos e proteger os direitos de refugiados e imigrantes. Abraçou causas que abrangiam ideais da diversidade que representa aquele país: lutou por verdade e transparência, pelos direitos civis, pelos direitos dos trabalhadores, pelas vidas negras, pela mudança climática, combateu a violência contra a mulher e apoiou as leis de segurança contra armas, dentre tantas outras (Harris, 2021).

Entretanto, em busca de mais um pioneirismo, ela disputou, em 2019, as primárias do partido democrata com a intenção de ser a candidata do partido para as eleições presidenciais de 2020. Depois de um começo de campanha competitivo, acabou por desistir da candidatura em dezembro daquele ano. Em agosto de 2020, porém, Kamala seria surpreendida com a notícia de que havia sido selecionada (dentre 12 mulheres) para ser a vice de Joe Biden, na chapa que acabou por vencer uma das disputas mais acirradas da história das eleições americanas, transpondo o então presidente Donald Trump.

Todos esses dados biográficos e fatos<sup>3</sup> fazem-se relevantes porque, como já visto anteriormente, formam uma imagem da enunciadora (Kamala) no seu ambiente social e profissional; são valores que representam um traço complementar no processo de enunciação - constituem o seu *ethos* prévio e legitimam a sua presença naquele dia, naquele lugar. Irão, portanto, contribuir para o entendimento de como se processa a construção da sua imagem como “ser do discurso”.

E, considerando que este não é um discurso de candidatura, onde Kamala teria como objetivo construir a sua imagem de tal forma a convencer e persuadir o eleitorado a votar nela; o que se vê neste discurso, é que isso já é um fato consolidado. O cenário e as circunstâncias são, portanto, diferentes, já que o resultado das eleições já havia sido divulgado.

3. Durante a campanha presidencial, vários canais da mídia mundial divulgaram informações sobre a candidata a vice-presidência do partido democrata americano. As informações mencionadas neste texto têm como fonte parcial, o sítio <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/kamala-harris-se-torna-1a-mulher-negra-a-ocupar-a-vice-presidencia-dos-eua.shtml>. Acesso em 07/11/2020.

#### 4.2. A CREDIBILIDADE - O *ETHOS*

Começamos por abordar a legitimidade da oradora. Passemos, agora, à abordagem do *ethos*, ou seja, a sua credibilidade, a veracidade do que afirma, de acordo com as suas características morais, a sua honestidade e a sua autoridade, assim como o percurso que a levou até ali (Ochôa, 2019).

Geralmente, cada locutor, no seu ato de enunciação, constrói uma imagem de si que apela ao lado emocional do seu público. Kamala não foi diferente. Vejamos como ela constrói a sua imagem em função de dois domínios: “o dizer o verdadeiro” e “o dizer o certo” (Charaudeau, 2009b, p. 7).

Mas, considerando que a imagem do orador molda-se às necessidades da platéia, antes de prosseguir, faremos algumas observações relativas ao simbolismo da vestimenta da candidata eleita, Kamala Harris, à comemoração do resultados das eleições, ocasião do discurso em questão. Harris subiu ao palco vestida com um terno branco (*off-white*, na verdade) e essa escolha, acreditamos, é repleta de simbolismos que dizem respeito ao seu *ethos* discursivo/presente. Primeiro, a cor branca é símbolo do movimento sufragista feminino nos Estados Unidos, e naquele ano, especificamente, as sufragistas americanas estavam a comemorar 100 anos do direito ao voto feminino. Ao longo dos anos, a cor branca passou a ser símbolo de luta pelos direitos da mulher e há alguns anos, o terno branco passou a ser usado como um uniforme de empoderamento para as mulheres na política americana. Portanto, em 8 de novembro de 2020, ao usar aquele terno, Kamala quis, simbolicamente, expressar a importância e o significado da sua vitória para as mulheres americanas. A estilista do terno, não por acaso, é imigrante: Carolina Herrera. A oradora também estava a usar brincos de pérola em homenagem à Alpha Kappa Alpha, a primeira irmandade criada por e para mulheres negras.

Com o intuito de se auto-legitimar ainda mais e reforçar a sua estratégia argumentativa, a enunciadora optou por iniciar a sua enunciação com uma voz de autoridade, a do congressista

John Lewis<sup>4</sup>, em discurso direto (configurando assim, um momento de polifonia): “A democracia não é um estado. É um ato”. Ao dizer isso, ela está a argumentar que a democracia não é algo estático e garantido; é, portanto, algo que tem que ser assegurado e pelo qual há que se lutar e proteger. E ainda, que ao votar na chapa do Biden, eles estavam lutando e protegendo a sua democracia; implicitamente, ela também dizia que essa democracia estava sob ameaça no governo vigente.

Nesta sua primeira fala como vice-presidente eleita, Harris, além de assegurar ao público eleitoral ali presente, que eles haviam feito a escolha certa, proferiu palavras de otimismo e esperança, propriedade inerente em um discurso político de vitória. Ela também, através do princípio da cortesia, reconhece a participação, envolvimento e contribuição de todos os envolvidos no processo e os agradece.

“Durante quatro anos, vocês se manifestaram e organizaram-se por igualdade e por justiça, por nossas vidas e pelo nosso planeta e depois, vocês votaram!”, continuou Kamala em tom elogioso, a mostrar que reconhece os esforços e as lutas enfrentadas por todos os norte-americanos, reforçando assim, o seu *ethos* de cumplicidade. Isso gerou um momento de fortes aplausos e buzinas dos expectadores, que acompanhavam o discurso a partir dos seus carros ali estacionados. Em nosso entender, não parece haver dúvidas de que o objetivo ilocutório aí foi alcançado.

Dando seguimento, observa-se que a vice-presidente eleita apresenta também um *ethos* de solidariedade ao reconhecer que o país estava a enfrentar vários desafios e diz isso através de atos assertivos avaliativos e atos ilocutórios expressivos (Adam, 2001), referindo-se quer à violência, quer ao COVID-19: “Os últimos meses foram de dor, de perda, vimos as vossas preocupações e vossas lutas, mas também testemunhamos a vossa coragem e a vossa resiliência e o vosso espírito generoso”, diz. É através do sentimento de preocupação e empatia com a dor do seu público, que ela também demonstra compreensão e busca credibilidade através da identificação.

O seu *ethos* é de uma mulher simples, forte, determinada e batalhadora que, como muitos ali presentes e seus antepassados, passou por dificuldades e momentos de grande sofrimento.

4. John Lewis foi um congressista norte-americano e grande ativista na luta pelos direitos civis afro-americanos. Faleceu em julho/2020, deixando um legado forte à democracia americana.

Veja como ela se refere a todas as mulheres da platéia e à sua mãe, Shyamala Gopalan Harris, em especial:

*“Quando ela chegou cá, vinda da Índia, talvez ela não imaginasse apropriadamente este momento”, disse a nova vice-presidente. “Mas ela acreditava profundamente numa América em que um momento como este seria possível”. Shyamala, tendo falecido em 2009, não pôde, contudo, presenciar e assistir ao dia em que a filha se tornaria a primeira mulher com um cargo de tamanho destaque na Casa Branca. Na sequência, Kamala confirma que a sua família, como muitas outras famílias de imigrantes, vislumbrou a América do Norte como o país de oportunidades; ao fazer isso, ela põe em uso, a estratégia discursiva de identificação; identificação com todos os imigrantes ali presentes, assistindo-a.*

*“Penso nela e nas gerações de mulheres - negras, asiáticas, brancas, latinas, indianas - que ao longo da história da nação abriram o caminho para o momento desta noite”, disse a locutora. E acrescentou ainda: “Incluindo as mulheres negras, que são tantas vezes olhadas de lado, mas que tantas vezes provaram que são a espinha dorsal da nossa democracia”. Mais uma vez, observa-se na enunciadora, a busca por aproximação e identificação com os seus alocutários, ao mesmo tempo em que convida os ouvintes a honrarem os antepassados e os legados que deixaram. Nesse contexto, ela também se coloca no exemplo de possibilidade de realização de sonhos, de ideais.*

Sim, Kamala Harris é um exemplo, possível graças ao fato de o agora 46º presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, tê-la escolhido como vice-presidente, quebrando assim *“uma das barreiras mais substanciais do nosso país”*, como ela mesma afirmou. Em um país marcado por uma história forte de racismo, machismo e misoginia, a vice-presidente eleita, ao dizer isso, busca evidenciar que novos tempos os esperam. A mensagem é clara: já houve muitas lutas porque todos, em algum momento, acreditaram que ali havia esperança de um futuro melhor, digno e igualitário; que ali, a democracia iria prevalecer, apesar de todas as lutas e ataques; E que as possibilidades existem, e *ela* ali, naquele dia, naquele momento, é exemplo disso.

Através de evidências como a sua fala e os seus argumentos, a locutora está a construir a imagem de uma pessoa que inspira confiança, sem salientar a sua individualidade face ao alocutário. Um *ethos* de “credibilidade”, voltado para a sua legitimidade, pois certamente sabe que a legitimidade conferida a um candidato pelo voto não é absoluta nem definitiva. É, pois, necessária a sua manutenção constante. Isto passa pelo exercício da credibilidade, que por sua vez, se faz pela linguagem.

### 4.3. ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO

Após a abordagem de duas questões fundamentais do discurso, a legitimidade e a credibilidade, dedicar-nos-emos, a partir deste momento, à forma que a locutora irá captar a atenção do seu público. Que estratégias discursivas adotará para transmitir a sua mensagem?

#### 4.3.1. ATOS DE FALA E AFORISMOS

Começemos por aplicar a teoria dos atos de fala, verificando quais os atos dominantes, de acordo com o objetivo proposto neste estudo. Esta análise partirá da Teoria dos Atos de Fala elaborada por Searle (Clerc, 2001, p. 49).

Harris inicia o seu discurso agradecendo aos eleitores, exaltando todo o povo americano, a sua equipe de campanha, a sua família, a sua falecida mãe e gerações de mulheres que lutaram e fizeram a diferença naquela país. O seu discurso é marcado essencialmente por atos expressivos. Com uma adjetivação expressiva, ela demonstra gratidão a todos que ali se encontram e que fizeram parte do processo eleitoral, de alguma forma. Demonstra também orgulho, ao reconhecer todos os esforços que foram feitos para que aquele momento estivesse a acontecer – *ethos* de cumplicidade:

*“E quando a nossa própria democracia estava nas urnas nesta eleição, com a própria alma dos Estados Unidos em jogo e o mundo assistindo, vocês asseguraram um novo dia para os Estados Unidos.”*

*“E ao povo americano, que compõe nosso belo país: obrigado por comparecer em número recorde para fazer sua voz ser ouvida.”*

*“E à mulher mais responsável pela minha presença aqui hoje, minha mãe, Shyamala Gopalan Harris, que está sempre em nossos corações”.*

A vice-presidente ainda em tom elogioso reforça a importância do ato eleitoral, quando coloca o cidadão eleitor ali presente como protagonista da mudança, que em 2020 permitiu virar uma página na história dos Estados Unidos: *“Vocês escolheram a esperança, unidade, decência, ciência e, sim, verdade. Vocês escolheram Joe Biden como o próximo presidente dos Estados Unidos da América”*, afirmou em atos ilocutórios assertivos e expressivos, que aliás são predominantes na sua fala.

Vários alocutários são colocados em cena, formando assim, sob a perspectiva de Maingueneau (2005, 2008), uma imagem intradiscursiva. Observe como isso é feito nas figuras 1 e 2 abaixo:

Figuras 1 e 2

Fonte: A autora



A figura 1 mostra que, ao envolver os alocutários no seu discurso, o *Eu* e o *Tu* (locutora e cada alocutário) identificam-se em um *Nós* inclusivo<sup>5</sup>, através das formas verbais da 1.ª pessoa do plural, em pronomes e determinantes possessivos:

“(...) porque nós, o povo, temos o poder para construir um futuro melhor.”

“(...) E proteger nossa democracia exige luta e sacrifício.”

“E quando a nossa própria democracia estava nas urnas nesta eleição (...)”

“Para nossa equipe de campanha e voluntários, esta equipe extraordinária (...)”

“(...) Elegemos um presidente que representa o que há de melhor em nós.”

O discurso também deixa transparecer um *Eles*, não explicitamente identificando-os como os governos, a presidência anterior ou como responsáveis por um estado de coisas negativo<sup>6</sup>; do contrário, apesar de fazer referência a um período recente particularmente difícil para a população, Kamala discursa com um tom bastante otimista, como o exige a ocasião. Entretanto, observe que na fig. 2 (acima), verifica-se também que há menção explícita de um *Eles*, referente (1) às mulheres<sup>7</sup>, que ela considera serem a sua inspiração e motivo para ela estar ali; (2) todas as meninas que, naquele momento assistiam àquele momento histórico e (3) todas as crianças (independente de sexo) daquele país, que foi historicamente marcado pelas eleições presidenciais de 2020, e a quem ela simbolicamente dedica aquele momento, deixando uma mensagem de esperança:

(1) *Eu posso ser a primeira mulher neste cargo, mas não serei a última.*

(2) (...) *cada garotinha que está assistindo esta noite vê que este é um país de possibilidades.*

(3) *E às crianças do nosso país, independentemente do seu sexo, o nosso país enviou-lhes uma mensagem clara: sonhem com ambição, liderem com convicção e vejam-se de uma forma que os outros podem não lhes ver, simplesmente porque nunca viram isso antes. Mas saibam que nós os aplaudiremos a cada passo de seu caminho.*

5. Esta identificação do *eu* + não-*eu* (que pode ser o “tu”) reforça que estão do “mesmo lado”, que pertencem à uma coletividade e que pretendem o mesmo.

6. Em discursos políticos, geralmente há menção do *Eles*, os outros (adversários), como agentes negativos e responsáveis por um estado de coisas (falta de igualdade, de perspectivas, etc.) que a locutora, na sua enunciação, propõe-se a trabalhar para mudar.

7. Neste grupo, ela inclui a sua mãe e todas as mulheres (gerações de mulheres) de diferentes raças e etnias, que, ao longo da história, através de muitas lutas e conquistas, prepararam o caminho para ela estar ali naquele dia.

8. Que, como já visto anteriormente, nós, homens e mulheres do início do século XXI, ainda vivemos sob o conceito de humanidade com bases no **Iluminismo**, de que os seres humanos devem ser vistos como seres iguais por natureza e, portanto, com direitos iguais. E, desta forma, seria ilegítimo, considerar as mulheres, os negros, os índios e os orientais em qualquer condição de inferioridade.

Observa-se pelas sequências linguísticas acima, que apesar de o objetivo ilocutório da enunciadora ser o mesmo<sup>8</sup> - os Estados Unidos da América são um país de possibilidades, onde todos, independente da raça, religião, classe social ou etnia, têm direitos iguais e a democracia pela qual tanto se lutou, garante isso – ela faz uso do *futuro* e do *presente do conjuntivo* como tempos verbais nos seguintes atos ilocutórios diretivos de recomendação e conselho: “*sonhem, liderem e (...) vejam-se... Mas saibam (...) nós os aplaudiremos*”, para produzir o efeito desejado nos referidos alocutários - estes tempos verbais têm o objetivo de aumentar a força ilocutória dos seus atos de fala. Ao fazê-lo, ela remete a um mundo potencial, diferente do mundo atual; um mundo de possibilidades; uma realidade apresentada como altamente positiva, numa configuração polarizada do real. É plausível argumentar também que Kamala faz uso aqui do princípio de influência, através do qual todo o sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu interlocutor, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento (Charaudeau, 2005, p. 15). Acreditamos que ela o faz de maneira positiva, tentando influenciá-los através do *seu exemplo*, para que possam acreditar e vislumbrar uma possibilidade real para si, desde que sonhem e lutem pela realização dos seus sonhos.

O *Eu*, enquanto indivíduo, só é explicitamente perceptível no texto, quando, já quase no final e sem necessariamente assumir o papel de protagonista na mudança do atual cenário social e político, a enunciadora constrói uma imagem de união e confiança em relação ao presidente eleito Joe Biden; imagem na qual ela integra como coparticipante ativa. Através de atos compromissivos de promessa, Kamala fala do seu compromisso com a nação americana no esforço de defender a redução das desigualdades raciais e de gênero, trabalhar duro para governar **para todos**, assegurar a democracia e vencer a pandemia – dentre outras promessas de campanha eleitoral:

*“Não importa em quem você votou, Irei me esforçar para ser a vice-presidente que Joe foi para o presidente Obama (...)”*

*“(...) Serei leal, honesta e preparada, acordando todos os dias pensando em você e em sua família.”*

“(...) *Mas os Estados Unidos estão prontos. E Joe e eu também.*”

Esses exemplos, apresentam o que denominamos “indicadores de promessa”, ou seja, o uso de palavras, expressões ou frases que introduzem o discurso da promessa política. Neles, foram usadas as construções verbais “irei me esforçar”, “serei a vice-presidente” e “também (...estamos prontos)”, em que os verbos principais remetem a atitudes determinantes para a elaboração da autoimagem necessária a um(a) político(a) eleito(a): ser competente, racional, comprometido(a), estar atento(a) às necessidades do povo e ter iniciativa. Pode-se ainda afirmar que a enunciadora está em posição de atender aos requisitos de Charaudeau (2006b) referentes à estratégia da promessa, que afirmam que o político deve, simultaneamente, ser capaz de a) contemplar um ideal social de desejo/necessidade do ouvinte, mas também adequar-se às possibilidades reais de sua execução; b) obter reconhecimento, da parte dos cidadãos, como merecedor de crédito, como portador de limpas intenções e c) conseguir convencer (uso da razão) e persuadir (uso da emoção) a maioria da instância cidadã.

Quando se refere ao Presidente eleito Joe Biden, Harris também exalta a sua força e resistência; ela o apresenta como um homem resistente, confiável e experiente e faz isso através do uso de atos ilocutórios expressivos para elogiar o presidente eleito, Joe Biden, quem ela assegura que é, no ‘aqui e agora’, a melhor pessoa para exercer esse cargo: “*Joe sabe sarar, sabe unir, tem a mão forte e segura e a sua própria experiência com a dor dá-lhe um sentido de missão que irá nos ajudar como nação a recuperar o nosso propósito*”.

Ao mencionar “experiência com a dor”, a enunciadora refere-se ao percurso de vida de Joe Biden, que foi marcado por várias perdas e momentos negativos, incluindo a perda da sua primeira esposa Neilia Hunter, e a filha mais nova, Naomi, num acidente de automóvel, em 1972. Este é um histórico de vida<sup>9</sup> conhecido pela maioria dos americanos e que foi mencionado pela vice-presidente eleita para reafirmar que Biden acabou por superar todas as adversidades e refazer a vida ao lado de Jill Jacobs, que é agora primeira-dama dos Estados Unidos. Ao trazê-lo à sua fala, Kamala convoca o conhecimento prévio que os alocutários têm de Joe Biden

9. Dados disponíveis em <https://www.biography.com/news/joe-biden-first-wife-daughter-car-accident-story>. Acesso em 20/01/2021.

– *ethos* prévio, para confirmar a credibilidade do novo chefe da nação e conseqüentemente, a sua (reforçando o porquê de estarem juntos nesta empreitada); é perceptível aí, a demonstração de um *ethos* de compromisso e cumplicidade. Em tom elogioso, e utilizando a máxima da aprovação, Harris continua: “É um homem com um grande coração”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, dedicamo-nos ao estudo das estratégias discursivas utilizadas pela vice-presidente eleita nos E.U.A., Kamala Harris, em seu discurso de vitória nas eleições de 2020. O discurso, que se tornou histórico pela contextualidade e simbolismo que representa, foi proferido no dia 08 de novembro, logo após o anúncio de vitória da chapa Joe Biden / Kamala Harris.

A análise do discurso mostrou-se um importante e adequado arcabouço teórico-metodológico de base para a análise empreendida e através de técnicas de análise do discurso pautadas nos postulados de Maigneueau e Charaudeau, verificamos como o discurso de Kamala Harris está inserido no gênero *discurso político de vitória* e cumpre os objetivos pragmáticos deste gênero.

O seu discurso é marcado pelo uso de atos assertivos de análise, atos ilocutórios expressivos de agradecimentos e elogios; atos diretivos de recomendação e conselho, atos compromissivos; tudo com um tom bastante otimista. Percebe-se também uma polarização entre eixos tais como o Eu/Nós, Eles/os Outros, o Presente e o Futuro. Foi possível observar a presença da modalidade assertiva de certeza de dias melhores - com o novo governo; foram identificadas estratégias de promessa e decisão, a elaboração da imagem de uma mulher e política confiável, lutadora, comprometida com os interesses da população; por fim, há evidência que ela investiu fortemente na construção de um *ethos* de credibilidade política, solidário e simbiótico com o coletivo que a apoia. Trata-se, enfim, de um discurso marcante - porque é inspirador -, recheado de simbolismo e que revela responsabilização por parte da enunciadora diante do que enuncia.

#### REFERÊNCIAS

- Adam, J-M. (2001). En finir avec les types de textes. In M. Ballabriga (Org.), *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation*. Toulouse: EUS, pp. 25-43.
- Alexandre Jr., M. (2005). Introdução In Aristóteles. *Retórica* (2ª ed). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Amossy, R. (2005). Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In R. Amossy (Org.) *Imagem de si no discurso: a construção do ethos* (Tradução D. F. Cruz, F. Komesu & S. Possenti). São Paulo: Contexto.
- Aristóteles. (1998). Definição da retórica e de sua estrutura lógica. In *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_(2005). *Retórica* (2ª ed). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Barbosa, E. V. & Debom, P. (2020). Apresentação de Dossiê: O Vestir e o Despir na História. *Veredas da História*, [online], 13, (2), 5-7, ISSN 1982-4238.
- Benveniste, E. (1966). *Problemas de linguística Geral*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_(1974). *Problèmes de linguistique générale*, t. 2. Paris: Gallimard.
- Carvalho, A. (2021). Distopia e utopia na obra de David Simon: uma leitura de *The Plot Against America*. *Gragoatá*, 26(55), 490-520. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i55.47399>.
- Charaudeau, P. (2005). *Le discours politique. Les masques du pouvoir*. Paris: Vuibert.
- \_\_\_\_\_(2006a). Identité sociale et identité discursive, le fondement de la compétence communicationnelle. *Gragoatá*, 11(21), 339-354. <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33230>.
- \_\_\_\_\_(2006b). O discurso político. In W. Emediato, I. L. Machado & W. Menezes (Orgs.), *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos. Faculdade de Letras da UFMG.
- \_\_\_\_\_(2008a). *Linguagem e discurso: modos de organização* (Tradução de M. A. L. Pauliukonis & I. L. Machado). São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_(2008b). *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_(2011). *Discurso Político*, 2. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_(2016). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto.

- Clerc, T. (2001). *Les Écrits Personnels*. Paris: Hachette.
- Costa, W. A. dos S. (2018). Estratégias Discursivas para um Ethos de Credibilidade no Debate Político. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 18(1), 69-86.
- Ducrot, O. (1980). *Les mots du discours*. Paris: Minuit.
- \_\_\_\_\_(1987). *O Dizer e o Dito* (Tradução de E. Guimarães). Campinas: Pontes.
- Foulcault, M. (1997). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Furlan, M. M. (2013). *Cenas de Enunciação e ethos discursivo: análise do discurso de autoajuda para adolescentes. Dissertação de mestrado em linguística*. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
- Galinari, M. M. (2007b). *A era Vargas no pentagrama: dimensões político-discursivas do canto orfeônico de Villa-Lobos* (Tese não publicada de doutoramento em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Goffman, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne, 1, 2*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Greimas, A. J. & Courtéis, J. (1979) *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Harris, K. (2021). *As verdades que nos movem* (Tradução de A. Rodrigues et al). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Júnior, C. H. F. S. (2019). Ethos: uma proposta classificatória para a utilização do conceito na área da comunicação. *Comunicologia: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*. 1 (12), 54-68. ISSN: 1981-2132.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'Énonciation: De la subjectivité dans le langage*. Paris: Colin.
- Maingueneau, D. (2005). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Aamossy, *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_(2006). *Cenas da enunciação*. In S. Possenti & M. C. P. de Souza-e-Silva (Orgs.) (div. tradutores). Curitiba: Criar Edições.
- \_\_\_\_\_(2008). A propósito do ethos. In A. R. Motta & L. Salgado (Orgs.), *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, pp. 11-29.
- \_\_\_\_\_(2011). *Análise de textos de comunicação* (6ª ed). São Paulo: Cortez.

Morain, D. (2021). *A vida da primeira mulher vice-presidente dos Estados Unidos* (Tradução de A. Campos da Silva). Rio de Janeiro: Agir.

Moura, J. B. (2012). *Análise Discursiva de Editoriais do Jornal Meio Norte, do Estado do Piauí: A Construção de Imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação*. Tese de doutoramento em Linguística. PUC – MG: Belo Horizonte.

NBC News. *Vice President-elect Kamala Harris addressed the nation in her public appearance since winning the election*. <https://www.nbcnews.com/video/watch-kamala-harris-full-victory-speech-as-vice-president-elect-95525445787>.

Ott, T. *Joe Biden: The heartbreaking car accident that killed his wife and daughter*. *Biography*. <https://www.biography.com/news/joe-biden-first-wife-daughter-car-accident-story>.

Petitjean, A. (1989). Les typologies textuelles. *Pratiques*, 62, 86-125.

Pinto, C. R. J. (2005). Elementos para uma Análise de Discurso Político. *Revista Barbaroi*, 24, 78-108.

Souza, A. S. F. (2014). *Ethos e Análise do Discurso: contribuições para o Letramento literário*. Artigo apresentado no XVII Congresso Internacional da ALFAL.

Washington Post Review Staff (2020). *Read the transcript of Kamala Harris's victory speech in Wilmington, Delaware*. <https://www.washingtonpost.com/politics/2020/11/07/kamala-harris-victory-speech-transcript>.

ANEXO

*“Boa noite.*

*O congressista John Lewis, antes de falecer, escreveu: ‘A democracia não é um estado. É um ato’.*

*E o que ele quis dizer é que a democracia dos Estados Unidos não é garantida. Ela é tão forte quanto nossa vontade de lutar por ela, de protegê-la e nunca tomá-la como garantida. E proteger nossa democracia exige luta e sacrifício, mas há alegria nisso. E há progresso, porque nós, o povo, temos o poder para construir um futuro melhor.*

*E quando a nossa própria democracia estava nas urnas nesta eleição, com a própria alma dos Estados Unidos em jogo e o mundo assistindo, vocês asseguraram um novo dia para os Estados Unidos.*

*Para nossa equipe de campanha e voluntários, esta equipe extraordinária: obrigado por trazer mais pessoas do que nunca para o processo democrático e por tornar esta vitória possível.*

*Aos eleitores e funcionários eleitorais em todo o nosso país, que trabalharam incansavelmente para garantir que cada voto fosse contado: nossa nação tem uma dívida de gratidão com vocês, por terem protegido a integridade de nossa democracia.*

*E ao povo americano, que compõe nosso belo país: obrigado por comparecer em número recorde para fazer sua voz ser ouvida.*

*Eu sei que os tempos têm sido desafiadores, especialmente nos últimos meses.*

*A tristeza, o pesar e a dor. As preocupações e as lutas. Mas também testemunhamos sua coragem, sua resiliência e a generosidade de seu espírito.*

*Por 4 anos, vocês se manifestaram e organizaram-se por igualdade e justiça, por nossas vidas e pelo nosso planeta. E então, vocês votaram. Vocês entregaram uma mensagem clara. Vocês escolheram a esperança, a unidade, a decência, a ciência e, sim, a verdade. Vocês escolheram Joe Biden como o próximo presidente dos Estados Unidos da América.*

*Joe é alguém especializado em curas. Um unificador. É experiente e firme.*

*Uma pessoa cuja própria experiência com a perda lhe dá um senso de propósito e que nos ajudará, como nação, a recuperar nosso próprio senso de propósito.*

*É um homem de grande coração que ama com devoção. Sabemos seu amor por Jill, que será uma primeira-dama incrível. E de seu amor por Hunter, Ashley, seus netos e toda a família Biden.*

*E, embora eu tenha conhecido Joe como vice-presidente, eu realmente o conheci como o pai que amava Beau, meu querido amigo, de quem nos lembramos aqui hoje.*

*A meu marido Doug, nossos filhos Cole e Ella, minha irmã Maya e toda a nossa família: amo todos vocês mais do que posso expressar. Somos muito gratos a Joe e Jill por recepcionar nossa família na deles, nesta jornada incrível.*

*E à mulher mais responsável pela minha presença aqui hoje, minha mãe, Shyamala Gopalan Harris, que está sempre em nossos corações. Quando ela chegou cá, vinda da Índia, com 19 anos, talvez ela não imaginasse esse momento. Mas ela acreditava profundamente em uma América onde um momento como este fosse possível.*

*Então, estou pensando nela e em gerações de mulheres – mulheres negras, mulheres asiáticas, brancas, latinas e indígenas, que ao longo da história de nossa nação, pavimentaram o caminho para este momento, esta noite.*

*Mulheres que lutaram e se sacrificaram tanto pela igualdade, liberdade e justiça para todos, incluindo as mulheres negras, que muitas vezes são esquecidas, mas que reiteradamente provam que são a espinha dorsal de nossa democracia.*

*Todas as mulheres que trabalharam para garantir e proteger o direito ao voto por mais de um século: 100 anos atrás com a 19ª Emenda, 55 anos atrás com a Lei de Direitos de Voto e agora, em 2020, com uma nova geração de mulheres em nosso país que votaram e continuaram a lutar por seu direito fundamental de votar e ser ouvido.*

*Esta noite, reflito sobre sua luta, sua determinação e a força de seu ideal, para pensar o que pode ser aliviado pelo que já aconteceu. Apoio-me sobre os seus ombros.*

*A prova do caráter de Joe é que ele teve a audácia de quebrar uma das barreiras mais substanciais que existem em nosso país e selecionar uma mulher como sua vice-presidente.*

*Eu posso ser a primeira mulher neste cargo, mas não serei a última.*

*Porque cada garotinha que está assistindo esta noite vê que este é um país de possibilidades.*

*E às crianças do nosso país, independentemente do seu sexo, o nosso país enviou-lhes uma mensagem clara: sonhem com ambição, liderem com convicção e vejam-se de uma forma que os outros podem não te ver, simplesmente porque nunca viram isso antes. Mas saibam que nós os aplaudiremos a cada passo de seu caminho.”*

*Para o povo americano:*

*Não importa em quem você votou, irei me esforçar para ser a vice-presidente que Joe foi para o presidente Obama. Serei leal, honesta e preparada, acordando todos os dias pensando em você e em sua família. Porque agora é quando o verdadeiro trabalho começa.*

*O trabalho duro. O trabalho necessário. O bom trabalho. O trabalho essencial para salvar vidas e vencer esta pandemia. Para reconstruir nossa economia, para que ela funcione para os trabalhadores. Para erradicar o racismo sistêmico em nosso sistema judiciário e sociedade. Para combater a crise climática. Para unir nosso país e curar a alma de nossa nação.*

*O caminho à frente não será fácil. Mas os Estados Unidos estão prontos. E Joe e eu também. Elegemos um presidente que representa o que há de melhor em nós. Um líder que o mundo respeitará e que nossos filhos podem admirar. Um comandante-chefe que respeitará as nossas tropas e manterá o nosso país seguro. E será um presidente para todos os americanos.”*

